

Trajetória

PRIMEIROS PASSOS

PORANDUBAS — Como foram seus primeiros passos?

Florestan — “Nasci em 1920, em São Paulo. Minha família era muito pobre, o que me levou a trabalhar já aos 6 anos. Não cheguei nem a concluir o curso primário. Só com 18 anos voltei a estudar, o Madureza. A seguir fiz Ciências Sociais na USP. Em 1945 fiz o Pós na Escola de Sociologia e Política e dois anos depois defendi a tese de Mestrado. Nessa época, eu era o 2º Assistente do Prof. Fernando de Azevedo, em Sociologia II. O 1º Assistente era Antonio Cândido. Mais tarde, fui Assistente do Prof. Roger Bastide, de quem já tinha sido aluno. Quanto a meus orientadores, foram mais “pró-forma”, pois eu apresentava minhas teses já prontas.

PORANDUBAS — Até os 18 anos, qual foi seu trabalho? E depois?

Florestan — Eu vendia artigos dentários para a “American Dental”. Mais tarde, fiz propaganda de um fortificante e de um remédio contra sífilis. Também, já começava a escrever para a “Folha da Manhã”, para “O Estado de S. Paulo” e para a “Revista de Sociologia”. O Dr. Júlio de Mesquita sempre teve uma atitude muito amiga para comigo. Era a época do Estado Novo, tempos muito agitados. Paralelamente, eu levava uma luta no plano subterrâneo, pois em fins de 1943 eu acabei me engajando no movimento da IV Internacional. A luta contra o Estado Novo colocou todas as correntes em estreito contato, de forma que passei a conhecer muita gente. Depois da queda do Estado Novo ainda fiquei ligado a esse movimento mas após alguns anos me separei.

PORANDUBAS — Como foi sua vida de estudante? Curtiu alguma boemia, também?

Florestan — Entre meus colegas havia uma vida mais boêmia, mas eu tinha que trabalhar para poder estudar e me sobrava pouco tempo. Entretanto, eu participei de vários empreendimentos do Grêmio da Filosofia: fui ao Paraguai como membro de uma Missão de Conferências, onde fiz uma exposição sobre “Aspectos Étnicos da Formação Brasileira”. Participei também de um concurso promovido pelo Grêmio, sobre Folclore. Até ganhei um prêmio...

PESQUISA EM PAÍS POBRE

PORANDUBAS — Sua carreira na USP, como se iniciou?

Florestan — Foi relativamente difícil. Comecei como 2º Assistente, depois passei a 1º Assistente. Em 1953 o prof. Bastide voltou para a França e então fiz concurso para Livre-Docência. Minhas teses? A de Mestrado versou sobre “A Organização Social dos Tupinambás”; a de Doutorado foi sobre “A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá” e a de Livre-Docência intitulou-se “O Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia”.

Assumi a Cátedra de Bastide e organizamos um grupo formado por Fernando Henrique Cardoso, Renato Jardim Moreira e M^a Sílvia Carvalho

Franco, que eram meus assistentes. Já tínhamos traçado um plano de ensino e pesquisa e procurei juntar recursos. Constituímos um Centro de Sociologia Industrial, no qual colaboravam professores e também pesquisadores. Recebemos um financiamento modesto da UNESCO, para uma pesquisa sobre as Relações Sociais em S. Paulo. Tivemos a colaboração de membros da comunidade negra para várias pesquisas. Das pesquisas resultaram teses de doutorado, como foi o caso do Fernando Henrique e do Octavio Ianni. Pretendíamos que as teses contribuíssem para a compreensão da sociedade brasileira e também tivessem um significado prático. Nossa ambição era estender esse trabalho para toda a América Latina. Queríamos mostrar que era possível fazer pesquisa num país pobre, com poucos recursos materiais e humanos. Chegamos a ser chamados de “Escola de Sociologia Paulista”. Mas, por posição pessoal, nunca aceitei dinheiro de Instituições estrangeiras, embora houvesse ofertas da Fundação Ford e da Fundação Rockefeller. Sempre achei que temos condições de movimentar a pesquisa sem depender de recursos externos.

PORANDUBAS - E esta posição, vale ainda hoje?

Florestan — Claro. A dependência não é só econômica: é também política, cultural, militar, etc. Não podemos ceder à tendência de nos colocar numa posição subalterna e colonizada frente ao exterior. Tive uma grande preocupação em criar condições para um desenvolvimento autônomo da produção de conhecimento. Nisso tivemos certo êxito. Outra preocupação era de que o pessoal não deixasse o Brasil antes de terminar o doutorado assim, já teriam um horizonte intelectual mais seletivo e não cairiam na tentação de reproduzir o conhecimento feito lá fora. Foi isto que aconteceu com o Fernando Henrique e o Ianni — meus assistentes na época — que ao irem para o exterior já tinham uma posição respeitável no meio intelectual brasileiro. Nenhum de nós saiu de Brasil para ser socializado na área das Ciências Sociais.

ALUNOS ILUSTRES

PORANDUBAS: Fale de seus alunos, de seus orientandos naquela época.

Florestan: Vários de meus alunos seguiram o magistério. A primeira aluna importante de que me lembro, foi a M^a Isaura Pereira de Queiroz. Depois vieram Paula Beiguelman, Fernando Henrique, Octavio Ianni, M^a Alice Menchini, M^a Sílvia Carvalho Franco e muitos outros. Eram alunos muito sérios, a ponto de Oswald de Andrade vir a chamar essa turma toda de os “Chatos-Boys”. Eles dirigiam a revista “CLIMA”, que tinha frente à cultura uma atitude muito diferente... Ressalto que naquela época as relações entre alunos e professores eram um pouco mais complicadas que hoje. Os professores só honravam com um contato mais próximo os estudantes que se destacavam. Havia uma certa aristocracia acadêmica. Dentre meus orientandos (além dos já citados e fora alguns que me fogem à memória), havia ainda o Paul Singer, Roberto Cardoso de Oliveira, Luiz Pereira, Leôncio Martins Rodrigues, José de Souza Martins... Entretanto, considero que, para além das

peças, o que é triste na cultura de um país subdesenvolvido, com instituições científicas frágeis, é que há grande dificuldade em se reterem os avanços realizados. A falta de recursos acaba impedindo um crescimento cumulativo.

PORANDUBAS: Qual a sua visão sobre a Universidade Brasileira, atualmente?

Florestan — Nossa Universidade cresce como instituição de ensino e não de pesquisa, o que faz com que os recursos não sejam distribuídos de forma equitativa. Esta situação torna-se patente desde o Governo Jânio Quadros: as instituições científicas têm entrado em crise na fase em que estão em pleno florescimento.

PORANDUBAS — Como é sua produção científica? Seus livros?

Florestan — Ao todo, são 32 livros publicados, incluindo antologias que organizei sobre Lenin, Marx e Engels. As que foram traduzidas? Graças ao trabalho do prof. Metraux, saiu em francês uma parte da “Função Social da Guerra...”. Em castelhano há edições de “Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica” e de “A Revolução Burguesa no Brasil”. Nos EUA publicaram uma edição condensada de “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, que recebeu até um importante prêmio. Esta obra também foi editada em alemão, na íntegra.

“LA PASSIONARIA DOS PAMPAS”

PORANDUBAS — Houve muitas peripécias em suas idas ao exterior?

Florestan — Bem, fui ao exterior várias vezes, em situações muito rápidas. Em 1960 fui ao México, para um congresso. Estive em Washington, por 15 dias em 1962 e em 64, depois de sair da prisão, a Univ. Columbia me convidou para ficar lá um semestre. Também fui à Noruega e à França. Em 1966, já de volta ao Brasil, viajei de novo para um congresso na Univ. Harvard.

PORANDUBAS — Algum problema com a Imigração?

Florestan — Todas as vezes que fui aos Estados Unidos, especialmente em 66, houve problemas graves. Houve muitas denúncias contra minhas atividades. Em 62, o Consulado americano em S. Paulo negou-me visto de entrada. Então, eu perguntei: “como é que vocês realizam um congresso em Washington e impedem a entrada dos relatores?”. Bom, consegui o tal visto mas fui muito maltratado no aeroporto de Nova York, onde houve uma verdadeira inquisição policial. A coisa foi tão desagradável que um professor americano chegou a fazer um protesto junto ao governo deles. Em 65, teve problema de novo, mas a coisa não foi tão séria.

Já em 1966, o Consulado novamente não deu permissão para minha entrada nos EUA, alegando acusações incríveis contra mim. Argumentei com o vice-consul: “eu devo ter perdido essas páginas da minha vida. Pelo dossiê de vocês, eu fui uma verdadeira ‘La Passionaria dos Pampas’, pois vocês dizem que agitei o Rio Grande do Sul inteiro. Eu gostaria muito de ter vivido isso tudo que está no relatório, mas infelizmente não vivi”. Disseram até que promovi agitações em pleno território americano, o que nunca fiz. Minha conduta foi de um intelectual independente mas muito responsável frente à minha condição de professor visitante. Diante de tais denúncias, acabei desistindo do

FLORESTAN FERNANDES, 64 anos, professor Livre-Docente cassado na USP, onde leciona no Pós-Graduação em Processos Revolucionários.

A respeito dele, Madre Cristóvão declara: “Seu testemunho de vida no lugar ela esteja, é muito mais corajoso do que falar sobre ele”.



visto. Acabei recebendo uma autorização precária, válida apenas para participar do Congresso. Nas viagens seguintes não tive mais problemas.

PORANDUBAS — Como foi sua relação com o “American Way of Life”?

Florestan — Tive ótima relação com Nova York. Além de São Paulo, as cidades a que eu melhor me habituei são Toronto e NY. Esta, é um centro cultural de grande envergadura. Também tive a sorte de nunca ter sido assaltado lá.

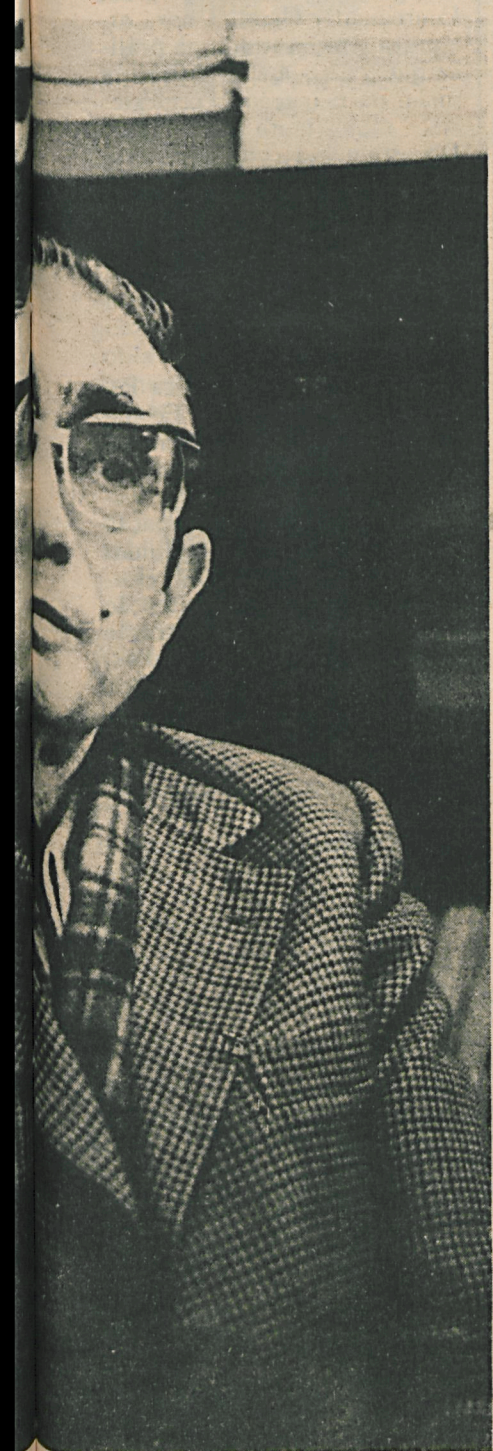
PORANDUBAS — E a vida do intelectual norte-americano é muito diferente?

Florestan — Olha, na Un. Yale fiquei muito espantado com as condições de vida do professor americano. Ele é isolado dos grandes problemas da vida. Converte-se em especialista. Os

Fernandes

4 sociólogo respeitado no mundo inte-
Stan é professor na PUC desde 1977,
eas Sociais a disciplina "Análise dos

ri (des), antiga companheira de lutas,
drometido com a Revolução, em que
ndo que qualquer possibilidade de se



professores mantêm uma certa convivên-
cia, restrita ao nível puramente
profissional, quando muito interrom-
pida por jantares de fim-de-semana. Há
certa negligência quanto ao envolvimen-
to com a dimensão política e com os
acontecimentos concretos do dia-a-dia.
Fala-se muito em 'comunidade intelectual'
mas o que ocorre são contatos
isolados, a nível dos antropólogos, dos
físicos, etc.

Já a Un. Toronto me propiciou
conhecer a Alemanha, Chile, Peru e suas
favelas e a Argentina.

REVOLUÇÃO CUBANA

PORANDUBAS — E suas experiências
em Cuba?

Florestan — Cuba, foi a experiência
mais marcante de minha vida. Conhecer
Cuba funcionou como um fator de
sedução, como um fortalecimento de
minha admiração pela sua Revolução.
No geral, os intelectuais são muito instá-
veis, exigindo que um processo político
produza dividendos a curto prazo. Há
uma certa impaciência imaginativa.
Fiquei só um mês em Cuba, mas pude
verificar que dentro das condições
efetivas da Revolução Cubana, o que
seria humanamente impossível ser feito
por uma revolução, foi realmente
logrado em níveis que transcendem as
possibilidades geradas pelo desen-
volvimento econômico daquele país.

A base material da Revolução Cubana
é realmente muito pobre. Fiquei
fascinado ao descobrir que o povo
cubano é extraordinariamente
comunicativo, um misto de
apolíneo/dionísio. Na alegria de viver,
eles são muito parecidos com os
brasileiros, mas principalmente eles têm
um nível de solidariedade impressionan-
tamente grande. Creio que a qualidade
do cubano enquanto pessoa é um dos
aspectos que explicam o sucesso da sua
Revolução. Eles conseguiram uma coisa
rara numa revolução socialista: um con-
teúdo humano e lúdico.

Passei dias muito intensos em Cuba.
Tive inúmeros contatos mas fiquei muito
emocionado foi nas escolas, vendo como
é sério o cuidado deles com as crianças.
Pude ver como um povo pobre consegue
resolver problemas que sociedades ricas
da própria América Latina só sabem
agravar. No lado velho de Havana,
existem habitações que no passado
abrigavam a população mais mal-
tratada da cidade. Hoje, elas continuam
habitadas mas extinguiu-se a pobreza,
há outro tipo de vida. Ai a gente
descobre que não é a pobreza que
degrada. Ela pode ser vivida com digni-
dade e fazer parte do cotidiano, sem
deturpar a natureza do homem, pois no
caso ela não é produto de uma ex-
ploração deliberada, de uma degradação
sistemática. A pobreza em Cuba é fruto
de circunstâncias que podem ser enfren-
tadas com espírito racional, humano e
com solidariedade socialista. Lá não se
vê gente se arrastando, abandonada,
pedindo esmolas, pois são dadas con-
dições dignas de sobrevivência.

PORANDUBAS — Qual a direção do
ensino e pesquisa deles?

Florestan — Eles têm um interesse muito
grande pela pesquisa na área técnica e
científica e de saúde, que é encarada
como um investimento criador. A
pesquisa cubana é bastante avançada,
pois dá suporte para o planejamento
econômico, sanitário, cultural,
educacional, etc.

UNIVERSIDADE OPERÁRIA

PORANDUBAS — E entre nós, como
vai a pesquisa?

Florestan — Penso que a Universidade
brasileira é carente, tendo-se
especializado como um centro de
reprodução e não como centro de
produção original do saber. De qualquer
maneira, aqui na PUC, se fazem muitas
pesquisas, no Mestrado, Doutorado e
nos Institutos. Infelizmente não
conheço tudo o que se faz aqui.

PORANDUBAS — Qual sua visão
sobre a democratização da PUC, a
proposta de maior aproximação do
povo?

Florestan — Percebo que a PUC vive
um processo de democratização de suas
estruturas e de suas funções. Mas o
projeto ainda está no começo. Acaba
sendo fatal querendo que estudantes e
professores exagerem nas intenções que
uma coisa que mal está começando já
esteja plenamente realizada. É muito
difícil o caminho de uma instituição que
inclusive não tem origem na nossa
tradição cultural. As Universidades
latino-americanas sempre foram da elite,
para a elite. É bastante difícil o processo
de "des-elitização" e "anti-elitização":
havendo concomitantemente um
processo de abertura para as camadas
populares; a coisa torna-se muito mais
complicada.

PORANDUBAS - Então, de que maneira
pode-se sair dessa complicação?

Florestan — A primeira coisa é abrir a
Universidade, inclusive os programas de
Mestrado e Doutorado, para os
operários. Quando pensa em
democratização, nossa Universidade
ainda trata de tornar mais igualitárias as
relações entre professores e estudantes,
pensa em tornar a administração menos
despótica e sujeita à fiscalização exter-
na. Mas esta é uma democratização
que ainda está nos quadros do elitismo,
daqueles que têm o privilégio de par-
ticipar da cultura, das oportunidades
educacionais. Mas não se pensa em criar
uma Universidade Operária. O estuda-
nte de origem operária representa apenas
5% do nosso corpo discente univer-
sitário. Quando uma instituição se
propõe a abraçar um projeto como esse,
ela precisa enfrentar muitos anos para
realmente chegar ao fundo do poço, do
qual ainda estamos muito longe. O
problema central diz respeito às classes
dominadas e nós estamos muito longe
disso também.

PORANDUBAS — Haveria então
alguma saída para a PUC?

Florestan — O problema é muito mais
geral que a PUC. Ela é uma instituição
de proa, mas a continuidade de seu
processo depende de uma porção de fato-
res imprevisíveis. Claro, no contexto
atual, tudo o que se faz no plano da
democratização, mesmo que epidérmica,
já é muito. O desafio maior é como levar
isso prá frente. A PUC não pode isolar-
se da sociedade: não podemos pensar
uma transformação profunda na
sociedade, independente de transfor-
mações objetivas na sociedade. Agir
assim, seria cair no mesmo erro da USP,
na década de 60. O que aconteceu? A
contra-revolução abateu-se sobre ela e
destruiu alguns dos principais núcleos
criativos e inclusive sua estrutura aberta.

Outra coisa rica aqui na PUC é a
efetiva atenção às transformações da
sociedade, ao destino do homem pobre,
às comunidades de base aos processos de
autonomia cultural e à infra-estrutura da
sociedade. O caminho que aqui se
visualiza é correto mas mobilizar os
meios para atingir outros fins, já é um
desafio maior que não pode ser respon-
dido pela PUC isoladamente. É preciso
reduzir o ufanismo que prevalece aqui
dentro para abrir uma perspectiva
realista que, embora complique o
quadro da imaginação, define melhor
quais as transformações que devem
ocorrer nas Universidades brasileiras. Se
a PUC avançar sozinha, será vítima de
seu avanço. Enfim, conceber uma
universidade popular significa desvin-
cular-se dos centros de apoio, das classes
médias e alta que são sua fonte de recur-
sos. Além disso, é preciso quebrar com
processos introduzidos pela ditadura
como a burocratização da carreiras dos

professores. Mas isso tudo precisa de 25,
50, 100 anos...

CONFIAR NA OPORTUNIDADE

PORANDUBAS — Essa efervescência
toda não pode desembocar numa perda
de rumos?

Florestan — As mudanças sempre en-
volvem crises. A passagem de um
padrão para outro importa numa fase de
ausência de padrões, de quebra de
hábitos, de trabalhos, e da disciplina.
Fica desorganizada a vida acadêmica, as
relações humanas. Mas este é o preço da
mudança e faz parte do seu processos. O
que se deve evitar é uma avaliação super-
ficial e exagerada do espaço
conquistado. E preciso ter humildade para
aceitar os defeitos e poder aprofundar as
conquistas.

Aqui na PUC, atingimos o que era
mais fácil conquistar. O mais difícil ain-
da está muito longe.

PORANDUBAS — Todos esses
desafios não o provocam? O senhor já se
pensou na Reitoria da PUC?

Florestan (rindo) — Nunca entrou nos
meus planos qualquer poder sobre meus
colegas e alunos. Primeiro, que ser
Reitor nunca foi coisa que eu desejei
ser; segundo, porque minha condição de
saúde não me oferece energia para re-
refinar meus horizontes. terceiro
lugar, porque é necessário muito
despreendimento — e até certo
masoquismo — para esses cargos. É
dramático ter que enfrentar tantos
problemas urgentes com tão poucos
meios e diante de avaliações tão con-
traditórias.

Ocupar postos desta ordem exige um
processo de maceração e auto-
destruição, embora traga a compensação
de tentar a Utopia. Admiro as pessoas
que desejam servir à coletividade, quan-
do elas realmente vivem com
honestidade esse desejo de servir. Mas,
minha vontade de servir vai em outra
direção.

**PORANDUBAS: O que fazer se
surgirem aventureiros?**

Florestan — Na questão da próxima
Reitoria, é preciso revolucionar os
critérios. Os professores jovens têm ain-
tanta capacidade de realização quanto
os mais velhos: não é a idade de define..
É preciso confiar na oportunidade, ter
audácia de enfrentar a responsabilidade.
No caso presente, não se pode querer en-
frentar meios novos com recursos
desgastados. É preciso ter uma cap-
acidade nova de fazer experimentos, de
aprender e de acumular conhecimentos
com esses novos experimentos.

O problema central para PUC é ter
um Reitor que defenda uma filosofia
educacional de tipo adequado, que
tem que ser católica. Há algo específico
da PUC que não se pode tirar dela. É
preciso mergulhar no "processo
sucessório" e descobrir as pessoas
adequadas. Acho muito bom que se
afaste um pouco do consagrado, do
medalhão, mas o essencial é que existe
uma idéia de colaboração nos seus
segmentos. Da articulação entre
professores, funcionários, estudantes é
que deverão nascer as energias para con-
struir o futuro da PUC. O processo é
coletivo e a instituição deve aceitar seus
riscos sem fugir dele. É imprescindível ir
adiante quebrando os obstáculos".
(Agradecemos a colaboração de Madre
Cristina, Carmen Junqueira, Joel Mar-
tins, M^a Teresa Sadek).